



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E SAÚDE - CCBS
CURSO DE PSICOLOGIA**

LARISSA LUANA BEZERRA DE ARAÚJO

**GRUPOS DE ENCONTRO COM PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA: UM
RELATO DE EXPERIÊNCIA DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA**

CAMPINA GRANDE

2019

LARISSA LUANA BEZERRA DE ARAÚJO

**GRUPOS DE ENCONTRO COM PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA: UM
RELATO DE EXPERIÊNCIA DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA**

Trabalho de Conclusão de Curso, em formato de artigo, apresentado ao Curso de Graduação em Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Prof.^a Ma. Emily Souza Gaião e Albuquerque.

CAMPINA GRANDE

2019

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A659g Araújo, Larissa Luana Bezerra de.
Grupos de encontro com pessoas em situação de rua
[manuscrito] : um relato de experiência de Extensão
Universitária / Larissa Luana Bezerra de Araujo. - 2019.
28 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Psicologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Ciências Biológicas e da Saúde , 2019.
"Orientação : Profa. Ma. Emily Souza Gaião e Albuquerque
, Coordenação do Curso de Psicologia - CCBS."
1. Vulnerabilidade social. 2. Pessoas em situação de rua.
3. Grupos de autoajuda. I. Título

21. ed. CDD 302

LARISSA LUANA BEZERRA DE ARAÚJO

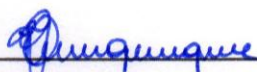
**GRUPOS DE ENCONTRO COM PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA: UM
RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso, em formato de artigo, apresentado ao Curso de Graduação em Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

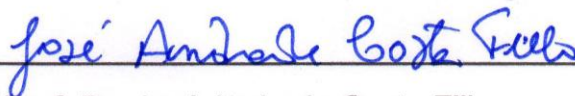
Orientadora: Prof^ª. Ma. Emily Souza Gaião e Albuquerque.

Aprovada em: 05/12/2019.

BANCA EXAMINADORA



Prof^ª. Ma. Emily Souza Gaião e Albuquerque (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. José Andrade Costa Filho
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof^ª. Ma. Valéria Moraes da Silveira Sousa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

À Emily Gaião, pela dedicação,
respeito, ética, zelo e empatia,
DEDICO.

“Conheça todas as teorias, domine todas as técnicas, mas ao tocar uma alma humana, seja apenas outra alma humana” (Carl Jung).

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1. REFERENCIAL TEÓRICO.....	9
1.1 GRUPOS DE ENCONTRO:	18
2. MÉTODO	14
2.1 Delineamento.....	14
2.2 Instituição.....	14
2.3 Participantes	15
2.4 Procedimentos	15
3. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	15
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	21
REFERÊNCIAS:	22

GRUPOS DE ENCONTRO COM PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

MEETING GROUPS WITH PEOPLE IN THE STREET SITUATION: A REPORT OF UNIVERSITY EXTENSION EXPERIENCE

Larissa Luana Bezerra de Araújo¹

RESUMO

O aumento do número de pessoas em situação de rua é um problema que está associado à precarização das condições de vida e vem se intensificando nos últimos anos. Esse fenômeno está relacionado com desestrutura e conflitos familiares, uso abusivo de álcool e outras drogas, violência, desempregos e condições econômicas. O presente estudo tem como objetivo relatar a experiência proveniente do Projeto de Extensão intitulado Serviço de Acompanhamento de Pessoas em Situação de Rua, do curso de bacharel em psicologia da Universidade Estadual da Paraíba. Teve como base teórica a Abordagem Centrada na Pessoa, teoria de Carl Rogers, uma das abordagens pertencentes à Psicologia. Para análise, contou com a participação de aproximadamente 20 participantes, que frequentavam os grupos de acolhimento psicológico, com idades variando entre 18 e 60 anos sendo em sua maioria do sexo masculino. O método utilizado para análise dos dados foi o recorte dos diários de campo referentes às atividades grupais realizadas na Unidade de Acolhimento “Irmã Zuleide”, em Campina Grande - PB. Além da análise proposta, a experiência permite refletir sobre os aspectos a respeito das condições de vida das pessoas em situação de rua e os riscos nos quais estão sujeitas, bem como a maneira como são vistas pela sociedade, e por elas mesmas, facilitando a compreensão acerca do modo de vida dessas pessoas, expressando a emergência de conteúdos emocionais na criação de um espaço apropriado de livre expressão, escuta e troca de experiências grupais.

Palavras-chave: Vulnerabilidade Social; Pessoas em Situação de Rua; Grupos de Autoajuda.

¹ Discente do Curso de Graduação em Psicologia pela Universidade Estadual da Paraíba – Campus I. E-mail: larissluu@gmail.com

ABSTRACT

The increase in the number of homeless people is a problem that is associated with poor living conditions and has intensified in recent years. This phenomenon is related to disruption and family conflicts, abuse of alcohol and other drugs, violence, unemployment and economic conditions. The present study aims to report the experience from the Extension Project entitled Homeless People Support Service, from the bachelor of psychology course at Paraíba State University. It was based on the Person Centered Approach, Carl Rogers theory, one of the approaches pertaining to Psychology. For the analysis, approximately 20 participants participated, who attended the psychological reception groups, with ages ranging from 18 to 60 years old, mostly male. The method used for data analysis was the clipping of the field diaries referring to the group activities carried out at the "Sister Zuleide" Reception Unit, in Campina Grande - PB. In addition to the proposed analysis, the experience allows us to reflect on the aspects regarding the living conditions of homeless people and the risks to which they are subjected, as well as the way they are seen by society, and by themselves, facilitating the understanding about their way of life, expressing the emergence of emotional content in the creation of an appropriate space for free expression, listening and exchange of group experiences.

Keywords: Social vulnerability; People in Street Situation; Self-Help Groups.

INTRODUÇÃO

O aumento do número de pessoas em situação de rua é um problema que está associado à precarização das condições de vida e vem se intensificando nos últimos anos. Esse fenômeno está relacionado com desestrutura e conflitos familiares, uso abusivo de álcool e outras drogas, violência, desempregos e condições econômicas (SICARI & ZANELLA, 2018).

Ocorre que, ainda que sejam escassos estudos historiográficos que relatem fatos marcantes acerca da história dos moradores de rua nos primórdios da sociedade brasileira, existem alguns apontamentos históricos no âmbito mundial que foram considerados determinantes para o surgimento dessa classe.

Segundo Klaumann (2008) mesmo discute sobre o processo do êxodo rural, onde este é representado pelo deslocamento do camponês de forma súbita e repentina para a cidade, perdendo suas propriedades e vendendo sua força de trabalho para as indústrias. Porém, nem todos se adaptaram a esta mudança brusca. O termo êxodo rural pode ser comparado ao contexto atual da sociedade brasileira. Um fator que chega a ser semelhante ao mesmo é o processo de migração de pessoas de áreas rurais ou até mesmo de cidades de menores portes para as de grandes cidades. “[...] *“situação de rua” é fruto da extrema pobreza e não uma opção do indivíduo, portanto, responsabilidade do poder público.*” (KLAUMANN, 2008).

De acordo com Francisco (2019) este trabalha sobre o processo de migração para as grandes cidades acaba por acarretar vários problemas sociais, pois parte dessas pessoas que se mudam com o objetivo de melhoria de vida não possuem qualificação profissional exigida pelo mercado de trabalho que está cada vez mais competitivo, conseqüentemente há um aumento populacional desordenado, como também aumento da população em situação de rua. Além do desemprego e do subemprego nessas cidades, atividades como vendedores ambulantes, catadores de materiais recicláveis, flanelinhas, entre outros, são alternativas a cada dia mais comuns.

Em função da falta de condições operacionais, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) não conta com dados específicos sobre o número de pessoas que vivem em situação de rua. No entanto, o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA, 2015), realizou uma pesquisa com base nos dados do ano de 2015 e constatou uma estimativa de pouco mais de 100 mil habitantes em situação de rua no Brasil. Essa pesquisa foi realizada com o aparato dos dados disponibilizados por 1.924 municípios via Censo do Sistema Único de Assistência Social (SUAS). Esses dados indicam tanto para o grande número de pessoas em vulnerabilidade por falta de moradia, como a importância da inserção dessas pessoas nos Serviços de Saúde.

Tendo em vista que os moradores de rua do país não são recenseados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), também não foi possível encontrar dados do número exato da população de rua do estado da Paraíba. Mas, segundo dados da Secretaria de Desenvolvimento Social (Sedes), a capital do estado, João Pessoa, possui mais de 300 pessoas vivendo nas ruas, sendo 11% delas crianças e adolescentes. De acordo com a Secretaria Municipal de Ação Social (SEMAS) do município de Campina Grande, o número da população em situação de rua nessa cidade é de, aproximadamente, 100 pessoas.

Ao longo dos anos foram criadas políticas públicas de cunho assistencialista, a citar o Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua (Centro POP), fruto do decreto presidencial nº 7.053/2009 onde este instituiu a Política Nacional para a População em Situação de Rua. Esse serviço é voltado para esta população, independente da faixa etária, tendo como objetivo proporcionar serviços especializados com objetivo de desenvolver sociabilidade e reinserção das pessoas em situação de rua. Através do Centro de Referência a população tem também acesso a outros serviços socioassistenciais e algumas vezes são até encaminhados para outros órgãos, é esta a dinâmica de funcionamento do Centro POP. (KLAUMANN, 2008).

Atualmente, na cidade de Campina Grande, o Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua (Centro POP) funciona em conjunto com a Unidade de Acolhimento Irmã Zuleide, sendo os dois serviços administrados pela Secretaria Municipal de Ação Social (SEMAS). As atividades de ambos os serviços são realizadas no espaço físico da Unidade de Acolhimento, dentre essas atividades estão presentes também parcerias com Projetos de Universidades.

Com isso, este estudo objetiva relatar a experiência do Projeto de Extensão: Serviço de Acompanhamento de Pessoas em Situação de Rua, que visa a realização de atividades grupais de apoio e acolhimento psicológico, oferecido pela Universidade Estadual da Paraíba, realizado na Unidade de Acolhimento Irmã Zuleide, situada em Campina Grande, no estado da Paraíba. Esta instituição conta com uma equipe técnica composta por uma psicóloga, uma assistente social e técnicos em enfermagem, além desta equipe técnica conta também com educadores e com um advogado, também possui a equipe do setor administrativo.

A experiência buscou realizar atividades com o intuito de proporcionar processos de reintegração, reabilitação e reinserção na vida de cada pessoa que teve oportunidade de serem acolhidas pelo Serviço, pessoas essas que sofrem consequências do processo de exclusão social e, conseqüentemente, estão suscetíveis à invisibilidade e vulnerabilidade social.

1. REVISÃO ORTOGRÁFICA

A Abordagem Centrada na Pessoa insere-se na corrente Humanista da Psicologia, essa corrente considera a importância das influências provenientes do ambiente, do passado ou do inconsciente, como também leva em conta o livre-arbítrio, a responsabilidade e a intencionalidade como características intrínsecas à condição humana (TRZAN-ÁVILA, 2007). Esta Abordagem desenvolveu-se a partir da década de 40, nos Estados Unidos. Dessa forma, a mesma surgiu como uma reação às práticas e modelos teóricos que então dominavam a Psicologia neste determinado período histórico, sendo estes o Comportamentalismo e a Psicanálise (SANTOS, 2004, p.18) seu precursor foi o psicólogo e estudioso Carl Rogers (1902 -1987).

Segundo Santos (2004), traz uma importante análise a partir das leituras de Rogers, esta nos diz que:

Rogers traz para a psicoterapia uma nova perspectiva do Homem e, conseqüentemente, uma nova forma de encarar a

pessoa que pede ajuda, ou seja, o cliente. Carl Rogers vê o ser humano como inerentemente dotado de liberdade e de poder de escolha (SANTOS, 2004, p. 18).

Considera-se que, a prática de psicoterapia, considera que esta é capaz de desenvolver autonomia e autodeterminação, mesmo diante das condições mais adversas que causem impactos negativos mantém a convicção que o ser humano preserva a capacidade para não se limitar a reagir aos acontecimentos negativos e por eles ser conduzido, ao contrário, pode ser um agente criativo na realidade que o rodeia.

A Terapia Centrada na Pessoa surge quando Rogers passa a perceber que o terapeuta tem condições de se tornar mais ativo na relação com o cliente, podendo adentrar em sua experiência, deixando de ser apenas um observador. Sobretudo, pelas atitudes empáticas do terapeuta. (MIRANDA; FREIRE, 2012).

Dessa forma, de acordo com as leituras de Miranda e Freire (2012) os mesmos trazem uma importante análise sobre a terapia centrada na pessoa, segundo as leituras de Wood apud. Miranda e Freire (2012):

Para Wood (1983), o objetivo da terapia centrada na pessoa, individual ou de grupo, é “facilitar a criação de um clima que a tendência formativa possa expressar-se livremente em cada pessoa e no grupo de pessoas” (Wood, 1983, p.60 apud Miranda & Freire, 2012, p. 90).

Ainda que a obra rogeriana passe por diversas fases e etapas, existe um fio condutor em comum em todas elas, que é o respeito à experiência do cliente e a autonomia deste em resignificar sua história de vida (MIRANDA; FREIRE, 2012).

Considera que esta nova forma de terapia, é, para o clínico, uma experiência profunda de aprendizagem, pois além de propiciar observação direta e clara da dinâmica interna da personalidade, possui como método a atividade da empatia, que é o meio através o qual o terapeuta se aproxima de um tipo particular de compreensão, diferente de outros tipos de compreensão resultantes de instrumentos externos, tais como os diagnósticos, julgamentos ou esclarecimento de suposições, ainda podemos considerar que “é a experiência global do indivíduo que constitui o foco da atenção do terapeuta” (SANTOS, 2004, p.19).

De acordo com Carl Rogers (1947) apud Miranda e Freire (2012), o terapeuta deve tentar "ver através dos olhos da outra pessoa, perceber o mundo tal como lhe aparece, aceder, pelo menos parcialmente, ao quadro de referência interno da outra pessoa". É uma atitude expressa pelo terapeuta e mais a frente será nomeada como Empatia ou Compreensão Empática.

Segundo Fonseca (1998) apud Moreira (2010) estes afirmam sobre a Abordagem Centrada na Pessoa, falando que:

Abordagem Centrada na Pessoa configurou-se como uma opção extremamente rica, no campo das psicologias, das psicoterapias, pedagogias e modelos de trabalhos com grupos de cunho fenomenológico existencial, apesar de ter sofrido intensas críticas, que a seu ver, possibilitaram uma reflexão

sobre os seus fundamentos teóricos e práticos (FONSECA, 1998 apud MOREIRA, 2010, p. 45).

Assim, a abordagem centrada na pessoa tem como princípio norteador a Tendência Atualizante, dessa forma, Rogers (1963) define esta teoria como organísmica, pois as qualidades fundamentais da natureza humana são consideradas as de crescimento, processo e mudança.

Rogers (1963) afirma que toda motivação e a fonte central de energia do organismo está na tendência organísmica em direção à auto atualização. O processo de atualização é dirigido ao crescimento e inclui o movimento em direção à realização, desenvolvimento e aperfeiçoamento das capacidades e potencialidades inerentes do indivíduo (Rogers, 1963).

A partir desta compreensão, a psicoterapia rogeriana nos afirma que os comportamentos das pessoas são guiados pela Tendência Atualizante, e pelo self que pode ser entendido como a maneira que as pessoas se percebem no mundo. Ainda assim, tal abordagem considera o ser humano como dotado de potencialidades organísmicas, estabelece algumas atitudes que são necessárias no processo de psicoterapia para que ocorra mudança construtiva da personalidade, são elas: a congruência, a consideração positiva incondicional e a compreensão empática (FREIRE, 2000).

Segundo Freire (2010), a congruência é um estado, bem como afirma Castelo Branco (2010) apud Araujo & Freire (2014, p. 96) “que ela se deve a uma auto-regulação ideal por conta de uma simbolização distorcida das experiências”, assim, sabe-se que no interior da relação psicoterápica, tanto o terapeuta quanto o cliente, “é livre e profundamente ele mesmo, com sua experiência real precisamente representada na sua consciência de si mesmo” (FREIRE, 2010).

A consideração positiva incondicional definida por Rogers (1957) é tida enquanto “uma aceitação calorosa de cada aspecto da experiência do cliente como sendo uma parte daquele cliente”, porém o mesmo também discute sobre a empatia onde nos afirma que esta “significa penetrar no mundo perceptual do outro e sentir-se totalmente à vontade dentro dele” (ROGERS, 1957 apud FREIRE, 2000).

Assim, considera que estar com o outro (pessoa) desta maneira significa deixar de lado, neste momento, nossos próprios pontos de vista e valores, para entrar no mundo do outro sem preconceitos; num certo sentido, significa pôr de lado nosso próprio eu. (Rogers & Rosenberg, 1977, p.73).

Na teoria da terapia centrada no cliente, a origem da disfunção psicológica está na incongruência entre o autoconceito e a experiência organísmica (Rogers, 1951, 1959).

Segundo Rogers (1961/1987) apud Fontgalland e Moreira (2012), estes nos mostram que, “ao se lançar nessa relação, a confiança e a compreensão do mundo interno do outro estimularão um significativo processo de mudança, de transformação” (ROGERS, 1961/1987 apud FONTGALLAND E MOREIRA, 2012, p. 43). Essas condições facilitadoras agem como uma espécie de complementação, como por exemplo, a partir dessa consideração positiva incondicional para com o cliente é que vai existir uma possibilidade de compreensão empática.

1.1 GRUPOS DE ENCONTRO:

Inicialmente as elaborações teóricas referentes a Abordagem Centrada na Pessoa restringiam-se apenas à prática da psicoterapia, mas ao longo do tempo, na medida em que foram se aprofundando encontraram aplicações em outras áreas, como a aprendizagem, os grupos terapêuticos e as relações familiares. No entanto, todas estão inclusas na prática psicoterapêutica. Com isso, a Terapia Centra no Cliente, passa a designar-se como Abordagem Centrada na Pessoa quando a expressão Centrada na Pessoa surge em 1976, passando a não referir-se ao cliente, mas à pessoa inteira (Wood,1983) em qualquer relação interpessoal, não apenas psicoterapêutica. (MIRANDA; FREIRE, 2012)

Contemporaneamente à Primeira e à Segunda Guerra Mundial, entre 1910 e 1947, as práticas grupais já podiam ser vistas como causas reflexas da necessidade de haver mudanças em um determinado meio e convívio, de modo que permitiam aos participantes desenvolverem uma intimidade entre si que, muitas vezes, não conseguiam nem mesmo com os componentes familiares (Rogers, 1970/2009).

De acordo com as leituras feitas de Fontgalland e Moreira (2012), os mesmos citam Boainain (1999), onde este traz uma importante compreensão acerca do surgimento de Grupos de Encontro, dessa forma, este afirma que:

Corresponde ao momento em que Rogers praticamente abandona suas atividades individuais, tais como, terapeuta, pesquisador e professor universitário, passando a se tornar um escritor, um conferencista e um facilitador de grupos (BOAINAIN, 1999 apud FONTGALLAND & MOREIRA, 2012,p. 46).

Dessa maneira, compreende-se que a experiência de grupo planejada e intensiva é para Rogers: “[...] a invenção social do século que mais rapidamente se difunde, e provavelmente a mais forte – [...]” (ROGERS, 1974, p. 13).

No que diz respeito ao surgimento dos grupos, é importante sabermos que estes inicialmente adotaram como nome a designação de T- group. Era um grupo de treino das capacidades das relações humanas, nos quais se ensinavam os indivíduos a absorver a natureza das suas interações recíprocas e do processo de grupo. De acordo com Rogers (1970), outra fase do movimento da experiência intensiva de grupo desenvolvia-se na Universidade de Chicago. Em 1946 e 1947, após a Segunda Guerra Mundial, Rogers e seus colaboradores no centro de aconselhamento da Universidade de Chicago estavam empenhados no treino de conselheiros pessoais para a Administração dos veteranos (ROGERS, 1970, p.4).

É válido destacar a importância não só da teoria de Rogers, para que esse modelo de psicoterapia viesse a existir contou também com os alicerces conceituais do pensamento Lewiniano e a psicologia Gestaltista. Kurt Lewin um famoso psicólogo do instituto de tecnologia de Massachusetts, desenvolveu a ideia de que o treino das capacidades em relações humanas era importante,

mas esquecido tipo de educação na sociedade moderna na década de 40, dessa forma, Rogers (1970) nos afirma que:

A nossa equipe sentiu que nem um treino intelectual poderia prepará-los, por isso tentamos uma experiência de grupo intensiva na qual os participantes em reunião durante várias horas por dia, a fim de se compreenderem melhor a si próprios, de se tornarem conscientes das atitudes que poderiam ser causas de fracasso na relação de aconselhamento, e de se relacionarem uns com os outros por formas que pudessem vir a ser de ajuda e que se pudessem transpor para o trabalho de aconselhamento (ROGERS, 1970, p.5).

Fontgalland e Moreira (2012) nos afirmam que “ao longo de sua trajetória profissional, Rogers sempre se dedicou a compreender o fenômeno humano, buscando elementos que propiciassem uma melhor maneira de ser” (MESSIAS, 2001 apud FONTGALLAND & MOREIRA, 2012, p. 33). Dessa maneira, para Rogers a partir da compreensão sobre o fenômeno humano, bem como o início da terapia em grupo, este nos afirma sobre esta abordagem que “o grupo é semelhante a um organismo, possuindo o sentido de sua própria direção” (ROGERS, 1978, p. 52).

Segundo Rogers (1978), o grupo de encontro é definido como um método de trabalho que “pretende acentuar o crescimento pessoal e o desenvolvimento e aperfeiçoamento da comunicação e relações interpessoais, através de um processo experiencial” (ROGERS, 1970, p. 14).

Dessa maneira, Rogers (1978) nos traz uma importante compreensão a partir dos seus estudos em relação ao método de grupo, o mesmo nos afirma que:

Os grupos de encontro conduzem a uma maior independência pessoal, a menos sentimentos escondidos, maior interesse em inovar, maior imposição à rigidez institucional (...) Eles produzem a mudança construtiva (...) só podem florescerem um ambiente essencialmente democrático (ROGERS, 1978, p. 23).

Carl Rogers deixou como instrumento de ferramenta para os trabalhos psicoterapêuticos em grupo, o Livro “Grupos de Encontro” o mesmo foi publicado no ano de 1970, considera um importante livro onde o mesmo possibilita uma importante leitura sobre a história e o movimento da criação do método de psicoterapia coletiva, nos dando embasamento para melhor compreensão desta abordagem, dessa maneira, destaco aqui uma importante passagem feita pelo mesmo em meio a construção do seu livro, este nos fala que:

Durante este último período, escrevi artigos e fiz conferências sobre as várias facetas do movimento crescente dos grupos de encontro. Fazem-me constantemente perguntas sobre o que acontece nos grupos, qual a minha maneira de trabalhar, as implicações da totalidade do movimento. Assim, decidi reunir para publicação as conferências e artigos que fiz, juntamente com material novo escrito para este livro, na esperança de que estimulem uma análise atenta e uma clarificação das

controvérsias relativas a esta inacreditável corrente em expansão (ROGERS,1970).

As características de identificação desses Grupos mais comuns são que eles são pequenos e relativamente não estruturados, esse fator se deve porque o grupo é livre para escolher seus próprios objetivos e direções. Na maioria dos casos a função do líder do grupo é de facilitação da expressão de sentimentos e pensamentos dos membros do grupo (ROGERS, 1970, p. 8).

Outra característica expressa dos grupos são os feedbacks realizados após os terminos de cada encontro, dessa forma os indivíduos aprendem de que forma são vistos pelos outros, e que efeito possuem nas relações interpessoais. (ROGERS, 1970, p. 9).

Desenvolve-se, a partir desta liberdade mútua de expressar os sentimentos reais, positivos e negativos, um clima de confiança mútua. Cada membro caminha para uma maior aceitação do seu ser global – emotivo, intelectual e físico – tal como ele é, incluindo suas potencialidades (ROGERS, 1970, p.8).

De acordo com Rogers (1970), o objetivo principal de quase todos os membros dos Grupos de Encontro é encontrar caminhos tanto para as relações com os outros membros, quanto consigo próprio. Uma das evoluções mais frequentes no grupo que se pode perceber é o sentimento de confiança, que se constrói de forma lenta e gradativa, e também, um sentimento de calor humano e simpatia pelos membros do grupo. (ROGERS, 1970, p.10)

Assim, no grupo destes, o indivíduo acaba por se conhecer a si próprio e a cada um dos outros mais completamente do que o que lhe é possível nas relações habituais ou de trabalho. Toma conhecimento profundo dos outros membros e do seu eu interior, o eu que, de outro modo, tende a esconder-se por detrás da fachada (ROGERS,1970, p.11).

Portanto, os Grupos de Encontro geram efeitos positivos não só dentro do grupo, a partir desta experiência essas pessoas passam a se relacionar melhor consigo, com o grupo e também nas diferentes situações da vida.

2. MÉTODO

2.1 Delineamento

Trata-se de um estudo com objetivo de relato de experiência proveniente do Projeto de Extensão: Serviço de Acompanhamento de Pessoas em Situação de rua, oferecido pela Universidade Estadual da Paraíba, que utilizou como ferramenta para acolhimento deste público os Grupos de encontro na perspectiva da Abordagem Centrada na Pessoa, de Carl Rogers.

2.2 Instituição

Os grupos de acolhimento foram realizados na sede da Unidade de Acolhimento Irmã Zuleide, a qual abarca o serviço do Centro POP (Centro de Referência Especializado para População de Rua) situada na cidade de Campina Grande-PB. É válido lembrar que as atividades realizadas na Unidade de Acolhimento foram planejadas no Departamento de Psicologia, no espaço físico da Universidade Estadual da Paraíba.

2.3 Participantes

Este estudo contou com a participação de aproximadamente 20 pessoas em situação de rua, com idades variando entre 18 a 60 anos, sendo a maioria negros e do sexo masculino, outras características comuns em alguns dos participantes que pôde ser analisada foi o baixo grau de escolaridade e o fato de boa parte ser usuário de drogas ou estivera em processo de reabilitação. Não foi aplicado um questionário sociodemográfico e, por isso, não se tem uma caracterização mais detalhada dos participantes. Todos os abrigados da casa de Acolhimento podiam participar das atividades propostas pelo Projeto de Extensão e utilizou-se de codinomes para se referir a eles, visando preservar o anonimato. Por ser uma instituição de caráter temporário os grupos eram considerados heterogêneos e instáveis. A Unidade de Acolhimento conta com uma alta rotatividade entre os abrigados.

2.4 Procedimentos

Analisou-se os dados do Projeto de Extensão através dos diários de campo referentes a nove encontros realizados na Unidade de Acolhimento, no período de setembro a dezembro do ano de 2018. Contou com a participação de três alunas extensionistas e de uma média entre três a oito acolhidos por atividade, e também, por vezes alguns funcionários da Instituição. Os dados tiveram caráter de instrumento para que houvesse análises e discussão dos resultados, estas análises foram realizadas a luz da Abordagem Centrada na Pessoa. A psicóloga do serviço se fazia presente na maioria dos encontros e, como dito antes, algumas vezes também ocorrera de outros funcionários participarem. As idas à Unidade de Acolhimento visava facilitar a reinserção de pessoas em situação de rua, além de proporcionar a emergência de conteúdos emocionais na criação de espaço apropriado de livre expressão, escuta e troca de experiências grupais.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

O primeiro encontro realizado na Instituição de acolhimento contou a presença da Psicóloga do serviço, duas facilitadoras e mais três participantes do sexo masculino, seus codinomes eram: Zarrir, Adamastor e Jesuíno. De início as alunas facilitadoras se apresentaram e apresentaram-lhes a proposta do Projeto, explicaram-lhes que o objetivo levado por elas era de proporcionar aos usuários do serviço um acompanhamento psicológico através de atividades

grupais. Seria um espaço de trocas de experiências, de livre expressão e de acolhimento.

Após este momento de apresentação, as alunas falaram sobre o sigilo e ética profissional, ressaltando que tudo que fosse dito naquele momento e ambiente, seria preservado. Logo em seguida as facilitadoras propuseram ao grupo que se apresentassem e também dissessem como estavam se sentindo, todos se apresentaram e dois deles (Adamastor e Jesuíno) disseram que estavam se sentindo bem, Zarrir só falou seu nome.

Feito isso, foi proposta uma dinâmica com objetivo de instigar a discussão do grupo e também trazer respaldos para que as facilitadoras pudessem ter uma ideia essencialmente melhor de como eles se viam, já que se tratava de um primeiro contato e elas sentiam a necessidade em conhecer melhor a realidade dessas pessoas. A dinâmica teve como temática: “Como você se vê, como o mundo lhe vê e como você se vê no mundo.”. Para a realização desta dinâmica levaram como materiais duas caixas de papelão, uma delas trazia uma imagem impressa de pessoas aparentemente felizes olhando para cima e a outra trazia um espelho no interior.

As caixas ficaram em cima de um birô, a que guardava a imagem das pessoas era mais rasa e a do espelho mais profunda. A dinâmica fluiu da forma esperada, fora orientado que eles levantassem, abrissem as caixas (uma por vez) e observassem o que existia no interior de cada uma, as facilitadoras reforçaram para eles que ao voltarem a sentar em seus lugares não comentassem para os outros participantes o que haviam visto.

Posteriormente partimos para a finalização do momento com a respectiva discussão e comentários sobre a dinâmica, neste momento foi possível detectar uma das primeiras fases na etapa do desenvolvimento dos Grupos de encontros, houvera Resistência à expressão ou exploração pessoais por parte do participante Zarrir, o mesmo não quis falar. Jesuíno relatou que viu pessoas muito “bacanas” e que se parecia com elas, pois se considera uma pessoa “gente boa, bacana” e também trouxe uma observação interessante, afirmou que havia uma pessoa da mesma cor dele (negra), assim se sentiu incluído. Já na segunda caixa enxergou que não era diferente das pessoas apresentadas na caixa anterior. Adamastor relatou que via as pessoas e o mundo como preconceituosos com ele, que é idoso, esse mesmo preconceito pôde ser observado em sua própria fala, quando afirmou que “velhos” eram pessoas inválidas. Quando se olhou no espelho afirmou ser uma pessoa boa, mas sua autoestima estava claramente fragilizada, nesse momento foi possível detectar incongruência por parte do discurso de Adamastor.

As facilitadoras encerraram o momento praticando atividades de compreensão empática e consideração positiva incondicional do sujeito, pois se mostraram profundamente compreensivas quando Zarrir hesitou em falar sobre a dinâmica, quando Jesuíno falou sobre sua semelhança com as pessoas e quando, Adamastor trouxe aspectos negativos em sua fala, mostrando-se descrente. Além de compreensivas, tentaram explicar a eles de um modo que pudessem melhor compreender que não podíamos generalizar as atitudes das pessoas, principalmente, trazendo devolutivas para o discurso de Adamastor, explicaram que todas as pessoas são importantes e independente de faixa etária, serão sempre dotadas de potencialidades.

O segundo encontro contou com a presença de três participantes no grupo, cujos codinomes: Zarrir, Jesuíno e Gilmar, além da presença de duas facilitadoras e da Psicóloga do serviço. Neste dia foi sugerido pela Psicóloga

que levassem alguma atividade relacionada com o tema Suicídio, já que se tratava do mês da prevenção, setembro amarelo. Com isso, as facilitadoras levaram um vídeo referente à temática, o vídeo possuía uma linguagem fácil de ser compreendida.

Inicialmente, como de costume, as facilitadoras realizaram o momento de apresentação, apresentação dos objetivos desejados através das atividades grupais e também ressaltaram a importância do sigilo profissional, este momento foi manejado de forma breve, pois até então os participantes que se faziam presentes haviam participado do primeiro encontro na semana anterior. Logo após esse momento inicial, trouxeram algumas informações estatísticas sobre a temática, e explicaram do que se tratava no intuito de trazer primeiramente uma introdução, bem como um esclarecimento sobre o tema.

Após este momento partiram para a execução do vídeo, utilizaram como instrumento para exibição o notebook de uma delas. O terceiro participante chegou nesse momento e as facilitadoras pausaram o vídeo para que o mesmo pudesse se apresentar ao grupo. Gilmar era novato no grupo, mas já havia passado pela instituição antes. Assim, deram continuidade ao vídeo, após o término do vídeo as facilitadoras iniciaram uma discussão sobre o Suicídio, nesse momento houve uma boa interação do grupo e todos três trouxeram suas opiniões sobre o assunto, mesmo que de forma breve.

Para o encerramento do encontro as facilitadoras levaram rosas amarelas simbolizando o setembro amarelo, e os entregaram lançando a proposta de que cuidassem da rosa como se fossem suas próprias vidas, propuseram também que fizessem o possível para mantê-las vivas, os participantes Jesuíno e Gilmar receberam a rosa, mas Zarrir hesitou, afirmando que quem recebia rosas era defuntos. Assim, houve Resistência à expressão, a proposta da rosa era também para as facilitadoras uma estratégia para contribuir com um possível estabelecimento de vínculo na relação terapeuta (facilitadoras) – clientes (participantes). Para surpresa de todos, ao final do encontro o participante Zarrir resolveu pegar a rosa de forma súbita e espontânea.

O terceiro encontro contou com a presença de cinco participantes, sendo duas mulheres e três homens, cujos codinomes: Anabel, Teresa, Jesuíno, Diego e Gilmar, além da presença da Psicóloga e de uma educadora da instituição, estavam presentes duas facilitadoras. As facilitadoras realizaram o procedimento de se apresentarem e apresentar os objetivos do Projeto, assim como ressaltar a importância do Sigilo e Ética profissional.

Neste dia propuseram uma apresentação mais dinâmica entre os membros do grupo, as facilitadoras ofereceram uma bexiga ao grupo, para que segurassem enquanto se apresentavam e em seguida passassem para outra pessoa do grupo de forma aleatória, o momento foi de descontração.

Houve também um breve comentário sobre o encontro anterior, os membros que participaram na semana anterior relataram suas experiências com a rosa, expressando seus sentimentos ao tentarem plantar e cultivar essa rosa. Percebeu-se em suas falas o quanto haviam se esforçado para que suas rosas fossem plantadas e não chegassem a morrer. Gilmar relatou que passou a semana cuidando da sua rosa e o quanto estava ansioso pela próxima sexta-feira para participar de mais um encontro. Comentou sobre Zarrir, que não pôde se fazer presente neste dia, nos contou que Zarrir deixou a rosa próximo de sua cama e algumas vezes até dialogou com ela, pedindo para que a mesma não morresse. Embora tenham relatado que suas rosas mudaram de

cor e não ficaram firmes como esperavam, as facilitadoras os fizeram refletir que o mais importante foi a caminhada e a persistência que tiveram de todos os dias tentarem mantê-las vivas. A psicóloga também contribuiu, quando relatou que havia os observados durante a semana que passara e percebeu a implicação dos mesmos com as rosas e a ansiedade de alguns para que chegasse o próximo encontro.

Logo após esse momento foi lido um texto “Hoje é tempo de ser Feliz!” por uma das facilitadoras, o qual foi adaptado para a intencionalidade da vivência grupal, reforçando o que estava sendo refletido sobre o cuidado. Neste dia Gilmar e Diego contribuíram bastante com o grupo falando sobre as impressões do referente texto, Jesuíno também contribuiu, mas Anabel e Teresa não mostraram tanto interesse, assim como não quiseram falar no momento da discussão.

Neste dia percebeu-se o quanto o último encontro teve reflexos positivos para os abrigados da Instituição. O fato de terem ganho cada um uma rosa para que passassem a semana cuidando das mesmas, foi um fator positivo para o estabelecimento de vínculo entre todos os integrantes do grupo, principalmente entre os abrigados e facilitadoras.

O quarto encontro contou com a presença de seis participantes, cujos codinomes: Zarrir, Gilmar, Diego, Walcyr, Antonio e Hélio, além da presença das facilitadoras e da Psicóloga da Instituição. Inicialmente as facilitadoras realizaram o primeiro momento de apresentação, apresentaram os objetivos desejados através das atividades grupais e também ressaltaram a importância do Sigilo e Ética profissional, em seguida, pediram que eles se apresentassem e contassem como estavam se sentindo, pensando em especial no espaço de tempo da última semana até àquele momento.

Nessa breve apresentação, com exceção do participante Zarrir, todos se mostraram tranquilos, nos relataram como havia sido a última semana e como estava o convívio na casa. Zarrir estava visivelmente triste, ainda durante a apresentação Diego endereçou seu discurso para ele, ambos apresentavam uma boa relação entre si. Na fala de Diego estavam presentes palavras de força, enfatizando a importância do perdão, tanto para si quanto para todos que o magoaram, assim como também o direcionou palavras de ajuda e apoio, relatou que todos na casa estavam ali para se ajudarem e que todos tinham seus momentos ruins, mas que não se entregassem, pois iriam conseguir superar as situações difíceis.

Depois desse momento aplicou-se uma dinâmica, a dinâmica do ponto preto, cujo ponto dizia respeito aos problemas da vida de cada um e o restante da folha dizia respeito a todas as coisas boas que os cercavam, assim como suas virtudes. A dinâmica fluiu muito bem e teve bastante aceitação por parte dos integrantes do grupo, nesse dia surgiram várias demandas da própria convivência entre eles, como também sugestões de resoluções de problemas. Foi realmente uma oportunidade para perceberem que muitas vezes acabavam dando um peso muito grande aos desapontamentos do dia a dia, trazendo consequências que poderiam vir a prejudica-los.

Notou-se o quanto os integrantes do grupo, uns mais que outros, mostravam-se solícitos em ajudar seus colegas, traziam em suas falas muita sabedoria de vida, sempre com exemplos de superação e palavras de apoio. Assim, se pôde verificar um avanço no desenvolvimento deste grupo, pois ocorreu auto direção. Dessa forma, se pôde associá-lo à afirmação de Rogers (1978), quando diz: *“o grupo é semelhante a um organismo, possuindo o*

sentido de sua própria direção”, e foi justamente o que ocorrera, pois o próprio grupo trouxe conteúdos que possibilitaram ajuda mútua.

O quinto encontro contou a presença de oito participantes, cujos codinomes: Zarrir, Diego, Jesuíno, Gilberto, Walcyr, Antonio, Hélio e Gilmar, além da presença das facilitadoras e da Psicóloga. Inicialmente as facilitadoras realizaram o primeiro momento de apresentação, apresentaram os objetivos desejados através das atividades grupais e também ressaltaram a importância do Sigilo e Ética profissional.

Em seguida, solicitaram que eles se apresentassem e contassem como estavam se sentindo, o clima no grupo estava estável.

Após esse primeiro momento foi realizado a dinâmica do barbante, a qual tinha objetivo de proporcionar uma melhor interação entre os integrantes do grupo, vale lembrar também que neste dia havia dois novatos, Walcyr e Gilberto, ao proporem a dinâmica as facilitadoras os orientaram para que direcionassem o barbante para outro integrante do grupo com uma pergunta/curiosidade sobre o mesmo com objetivo de se conhecerem, a dinâmica fluiu muito bem e foi possível verificar o quão engajados e dispostos eles se faziam, foi um momento em que não ficaram presos a realizarem apenas perguntas pessoais, mas ressaltaram também as potencialidades uns dos outros, falando-lhes palavras de motivação para quem recebia o barbante. Nesse momento o próprio grupo deu sentido e auto direção para a dinâmica.

Posteriormente, iniciou-se um segundo momento, no qual com a ajuda da Psicóloga da Unidade as facilitadoras puderam programa-lo, através dela conseguiram imagens impressas deles e propuseram um momento no qual cada um passava a foto de todos os integrantes, uma por uma e falavam alguma virtude da pessoa da foto, assim como a dinâmica anterior essa foi muito positiva e realçaram potenciais e qualidades de cada um que se fizera presente. A ideia de levar fotos foi pensada porque se considerou que alguns deles não eram alfabetizados, portanto, não tínhamos como levar os nomes deles em papéis.

O sexto encontro contou a presença de três participantes, cujos codinomes: Zarrir, Diego e Gilberto, além da presença das facilitadoras e da Psicóloga. Inicialmente as facilitadoras realizaram o primeiro momento perguntando como se sentiam e não houve a necessidade se apresentarem, já que o grupo não contava com novos participantes neste dia, a psicóloga não se fez presente no ambiente, deixando as facilitadoras à vontade.

Neste dia o encontro se deu de forma “não estruturada”, no sentido de não terem levado nenhum instrumento para discussão em grupo, o tema foi livre e pôde-se concluir que os participantes sentiram-se autoconfiantes e seguros para discutir o que quisessem, esse fato se deu porque no grupo de alguma forma, já existia alguma estabilidade e confiança nas terapeutas (facilitadoras), o vínculo já existia e o fato de não ter ninguém da Instituição presente propiciou um melhor direcionamento do grupo, além disso, trouxeram a tona informações que nunca haviam sido ditas antes.

O sétimo encontro contou a presença de quatro participantes, cujos codinomes: Zarrir, Gilmar, Jesuíno e Gilberto, além da presença das facilitadoras e da Psicóloga. Inicialmente não houve a necessidade de se apresentarem, já que todos os integrantes do grupo já se conheciam, as facilitadoras perguntaram como estavam se sentindo, todos se sentiam bem, exceto Gilberto, que se mostrou um pouco desanimado, tanto as facilitadoras

quanto o resto do grupo deram atenção aos motivos aos quais Gilberto não estava bem, neste momento houve acolhimento.

Após o primeiro momento de interação, propomos a Dinâmica dos Sonhos, a qual foi adaptada, pois se levou em conta o fato de parte deles não ser alfabetizados, ao invés de solicitarem que eles escrevessem pediram que pensassem em cinco sonhos/desejos. Esta dinâmica foi realizada como uma grande metáfora de uma viagem, a imaginação é colocada em prática. Cada sonho é simbolizado como uma mala e no trajeto da viagem vão surgindo obstáculos em que é preciso escolher uma mala (um sonho) para deixar para trás, as facilitadoras pediram que fechassem os olhos e se entregassem ao momento, o mais interessante foi poder observar as expressões deles, principalmente quando tinham que escolher qual sonho deixar ir.

Ao final da dinâmica pedimos que compartilhassem a mala (sonho) que havia ficado com eles, se estivessem à vontade para tal, todos concordaram em compartilhar com o grupo. Gilberto relatou que a sua última mala foi a esperança em reconquistar a família, Jesuíno e Zarrir relataram que suas últimas malas foram a fé em Deus e Gilmar relatou que sua última mala foi a persistência. Percebeu-se que os sonhos/desejos materiais acabaram ficando para trás, como por exemplo: ter uma casa, um carro; enquanto os sonhos que permaneceram foram aqueles que não se compra e não são palpáveis.

O oitavo encontro contou a presença de cinco participantes, cujos codinomes: Zarrir, Diego, Antonio, Hércules e Belchior, além da presença das facilitadoras e da Psicóloga. Tendo em vista que o grupo contava com a presença de dois novatos as facilitadoras realizaram o procedimento de se apresentarem e apresentar os objetivos do Projeto, assim como ressaltar a importância do Sigilo e Ética profissional.

As facilitadoras levaram ao grupo a dinâmica da Vela, a qual tinha como materiais uma vela e fósforos, na dinâmica uma das facilitadoras ficou com a vela na mão e entregou um palito de fosforo a cada participante, incluindo a outra facilitadora e a psicóloga. Acendeu-se tanto a vela quanto os palitos que os participantes seguravam e iniciou-se um momento de reflexão comparando prazeres momentâneos com prazeres contínuos, na medida em que a facilitadora ia falando os palitos apagavam e ao chegarem ao fim da dinâmica a vela seguia acesa e inteira.

Todos reconheceram que por vezes já depositaram as vidas deles em coisas que nunca lhe trariam o bem, os indagamos: *“o que seria essa luz permanente (da vela) na vida de vocês?”*, eles como sempre muito religiosos, afirmaram que a vela era Jesus, ou a Fé deles, ou até mesmo a Esperança.

O nono encontro sucedeu-se como um momento de encerramento das oficinas/vivências ocorridas ao decorrer do ano que se encerrava, com um significado de confraternização entre todos os membros que faziam parte do serviço da Unidade, todos os abrigados e todos os estagiários de psicologia, esse momento foi pensado pela Psicóloga e principalmente, colocado em prática através da contribuição dos estagiários, neste dia até o Diretor participou, assim como uma Secretária da SEMAS, foi um momento bastante engrandecedor para todos os que estavam presentes, foi realizada uma apresentação sobre a importância da Psicologia no processo de reabilitação dessas pessoas em situação de rua, uma das extensionistas abriu o momento expressando muita gratidão pelo vínculo que ela e as outras já haviam formado e pela contribuição de cada um para a efetivação da psicologia neste processo, foi um momento único, onde todos falaram, até mesmo a cozinheira da casa

que acompanhava o momento pela janela da cozinha que dava acesso ao ambiente externo da casa.

Durante o decorrer dos encontros pôde-se perceber o interesse dos abrigados em participarem das vivências em grupo, no início a psicóloga precisava convencê-los a participarem, mas do terceiro encontro em diante o interesse pelas atividades do Projeto eram visíveis, identificou-se também consideração e compromisso deles para conosco, pois mesmo quando não podiam participar dos grupos faziam questão em justificar.

Um fator muito presente na realidade de alguns abrigados que passaram pelas vivências foi à questão da Incongruência, ocorre quando o sujeito não age de acordo com seu self ideal, sua autoimagem. Deparou-se ainda, com pessoas desadaptadas e com problemas de comunicação como foi o caso de um abrigado, diagnosticado com esquizofrenia e de outro com hiperatividade.

Analisou-se também que muitas das queixas que levavam para os grupos se diziam respeito à convivência que tinham entre eles e com a Instituição, muitas vezes situações de discordâncias. Vale destacar que a Instituição estimula bastante os usuários para que entrem no mundo do trabalho e se reestabeleçam, porém, alguns abrigados relataram que ao saírem em buscas de empregos, sofriam discriminação por não terem endereços fixos, por exemplo.

Analisou-se também que os abrigados possuíam muitas semelhanças entre si, algumas vezes fisicamente também, mas principalmente, no modo de vida, a maioria deles tinham características de pessoas andarilhas, de estar indo sempre de canto a outro, assim como tiveram infâncias bem parecidas. Muitos cresceram nas ruas, a desestrutura familiar e desigualdade social se faz muito forte.

Observou-se também que o discurso religioso é muito presente nas falas deles, são apegados à figura de Deus e muitas vezes o tem como único refúgio. A proposta do Projeto era de intervenções grupais, mas também houve a necessidade de realizar escutas individuais para duas situações, uma por não ter usuários suficientes na casa para compor o grupo e outra por demandas espontâneas dos próprios usuários, percebeu-se que alguns só falavam quando estavam a sós com as facilitadoras e diante dos grupos reprimiam-se.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo relatar a experiência proveniente do Projeto de Extensão intitulado Serviço de Acompanhamento de Pessoas em Situação de Rua. Ao considerar o desamparo e a falta de assistência social ainda presente no cotidiano dessas pessoas, percebeu-se a relevância deste trabalho, uma vez que foi oferecido para esse público em questão um lugar para expressão de suas angústias, troca de experiências, um olhar para o outro e para si que muitas vezes é negligenciado em todos os contextos da nossa sociedade.

Através dos relatos e diários de campo analisados, obteve-se como resultado a reflexão dos aspectos a respeito das condições de vida das pessoas em situações de rua, assim como se refletiu também sobre os riscos aos quais essas pessoas estão sujeitas e a maneira como são vistas pela sociedade, e por elas mesmas. Com isso, proporcionou-se a melhor

compreensão acerca dessa população, que muitas vezes, acaba se tornando invisível, como também a criação de um espaço apropriado de livre expressão, escuta e troca de experiências grupais.

Assim, se faz necessário que sejam pensados em mais estudos como este, que viabilizem além de apoio e acolhimento psicológico, inclusão social, para que não falem estratégias e suporte destinados a essa expressiva população. Assim, conseguirão estar numa sociedade melhor e com mais condições para exercerem seus papéis de cidadãos, além de conseguirem reestruturar-se com a convicção de que são dotados de potencialidades para que haja mudanças transformadoras positivas em suas vidas.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Iago Cavalcante; FREIRE, José Célio. **Os Valores e a sua Importância para a Teoria da Clínica da Abordagem Centrada na Pessoa.** Revista da Abordagem Gestáltica - Phenomenological Studies – XX(1): 94-103, jan-jun, 2014.

BEZERRA, Márcia Elena Soares; BEZERRA, Edson do nascimento. **Aspectos Humanistas, Existenciais e Fenomenológicos Presentes na Abordagem Centrada na Pessoa.** Rev. NUFEN [online]. v.4, n.2, julho-dezembro, 21-36, 2012.

BEZERRA, Márcia Elena Soares. **Um Estudo Crítico das Psicoterapias Fenomenológico – Existenciais: Terapia Centrada na Pessoa e Gestalt-terapia.** Universidade Federal do Pará, 2007.

CASTRO, Luisa Zucheratto; ANDRADE, Maristela Costa. **A população em situação de rua e a busca pelo sentido da vida: uma questão de sobrevivência.** Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas, Minas Gerais, v. 3 n. 6 (2018): Dossiê - Temas em Terapia Cognitivo-Comportamental.

CURY, V. E. (1987). **Psicoterapia Centrada na Pessoa: Evoluções das Formulações sobre a Relação Terapeuta-Cliente.** Dissertação de mestrado não-publicada, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. 89 pp.

CURY, V. E. (1993). **Abordagem centrada na pessoa: um estudo sobre as implicações dos trabalhos com grupos intensivos para a terapia centrada no cliente.** Tese de doutorado, Faculdade de Ciências Médicas, Universidade de Campinas, São Paulo, SP.

CORREIA, Karla Carneiro Romero; MOREIRA, Virginia. **A experiência vivida por psicoterapeutas e clientes em psicoterapia de grupo na clínica humanista-fenomenológica: uma pesquisa fenomenológica.** 2016 | volume 27 | número 3 | 531-541.

DAVILA, Sarah Lia. Relato da Experiência em Grupo: Lidando com a Criação de Vínculos no Grupo Experience Reporting Group: Dealing with Links Creating the Group. **IGT rede**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 22, p. 240-257, 2015.

Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1807-25262015000100009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 01 dez. 2019.

FREIRE, E. S. (2000). **A implementação das atitudes facilitadora na relação terapêutica centrada no cliente.** Dissertação de mestrado, Instituto de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, SP.

- FONTGALLAND, R. C. & MOREIRA, V. (2012). **Da empatia à compreensão empática: evolução do conceito no pensamento de Carl Rogers.** Memorandum, 23, 32-56.
- KLAUMANN, A.R. **Moradores de Rua - Um Enfoque Histórico e Socioassistencial da População em Situação de Rua no Brasil: a realidade do Centro POP de Rio do Sul/SC.** 2016.
- MIRANDA, C. S. N., FREIRE, J. C. (2012). **A comunicação terapêutica na abordagem centrada na pessoa.** Arquivos Brasileiros de Psicologia; Rio de Janeiro, 64 (1): 78-94.
- MESSIAS, J. C. C. (2001). **Psicoterapia centrada na pessoa e o impacto do conceito de experiência.** Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, SP.
- MOREIRA, Virginia. Revisitando as fases da abordagem centrada na pessoa. **Estud. psicol. (Campinas)**, Campinas , v. 27, n. 4, p. 537-544, Dec. 2010 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2010000400011&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 01 dez. 2019.
- MOREIRA, V. (2010). **Revisitando as fases da abordagem centrada na pessoa.** Revista Estudos em Psicologia, PUC-Campinas, 27(4), 537-544.
- ROGERS, C. R. (1997). **Tornar-se pessoa.** (5a ed., M. Ferreira, A. Lampareli, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1961)
- ROGERS, C. R., & Kinget, G.M. (1977). **Psicoterapia e Relações Humanas.** Vol.1. (M. Bizzoto, Trad.) Belo Horizonte: Interlivros.
- ROGERS, C. R. (1975). **Terapia centrada no paciente.** (1a ed., M. Ferreira, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1951).
- ROGERS, C. R. & Kinget, G. (1977). **Psicoterapia e relações humanas** (Vol. I). (M. L. Bizotto, Trad.). Belo Horizonte: Interlivros. (Original publicado em 1965).
- ROGERS, C. R.. (2008). **As condições necessárias e suficientes para a mudança terapêutica na personalidade.** Em J. K. Wood, J. R. Doxsey, L. M. Assumpção, M. A. Tassinari, M. Japur, M. A. Serra, R. W. Rosenthal, S. R. Loureiro, & V. E. Cury (Orgs.). Abordagem centrada na pessoa (4a ed., pp. 143-161). Vitória: EDUFES. (Original publicado em 1957).
- ROGERS, C. R. (1992). **Terapia centrada no cliente** (C. C. Bartalotti, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1951).
- ROGERS, C. R. (2007). **Um jeito de ser** (7a ed.). (M. C. M. Kupfer, H. Lebrão & Y. S. Patto, Trads.). São Paulo: E.P.U. (Original publicado em 1980).

ROGERS, C. R. (1977b). **Uma maneira negligenciada de ser: a maneira empática**. (M. H. S. Patto, Trad.). Em C. R.

ROGERS & R. ROSENBERG. **A pessoa como centro** (pp. 69-89). São Paulo: EPU. (Original publicado em 1975).

ROGERS, Carl R. **Grupos de encontros**. Tradução: Joaquim L. Proença – 8ª Ed- São Paulo, Martins Fontes, 2002.

SANTOS, C. B. (2004). **Abordagem Centrada na Pessoa- Relação Terapêutica e Processo de Mudança**. Revista do Serviço de Psiquiatria do Hospital Fernando Fonseca.

SICARI, Aline Amaral; ZANELLA, Andrea Vieira. **Pessoas em Situação de Rua no Brasil: Revisão Sistemática**. Psicologia: Ciência e Profissão. Santa Catarina, Out/Dez. 2018 v. 38 n°4, 662-679.

TRZAN-AVILA, Alexandre; JACO-VILELA, Ana Maria. Uma história da Abordagem Centrada na Pessoa no Brasil. **Estud. pesquis. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 3, p. 1063-1069, dez. 2012. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812012000300021&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 01 dez. 2019.

WOOD, J. K. (1983). **Terapia de grupo centrada na pessoa**. In Rogers, C. R., Wood, J. K., O'Hara, & Fonseca, A. H. L. Em busca de vida. (pp.45-87). São Paulo: Summus.

WOOD, J. K. (2008) Prólogo. In Rogers, R. R., & Wood, J. K. **Abordagem Centrada na Pessoa**. (pp.13-23). Vitória: EDUFES.

<<https://correiodaparaiba.com.br/cidades/campina-grande-tem-mais-de-100-pessoas-vivendo-nas-ruas/>>. Acesso em: 29/11/2019.

<<https://www.politize.com.br/pessoas-em-situacao-de-rua/>>. Acesso em: 29/11/2019.

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672014000100003>. Acesso em: 29/11/2019.

<<https://correiodaparaiba.com.br/abandono-2/moradores-de-rua-nao-sao-recenseados-pelo-ibge/>>. Acesso em: 29/11/2019.

<<https://paraibaonline.com.br/2017/07/equipe-da-semas-busca-moradores-de-rua-para-acolhimento-em-campina/>>. Acesso em: 29/11/2019.

<<https://projetocolabora.com.br/ods1/pelo-direito-de-existir/>>. Acesso em: 29/11/2019.

<<https://brasilecola.uol.com.br/brasil/populacao-situacao-rua.htm>>. Acesso em: 29/11/2019.

<<https://brasilecola.uol.com.br/geografia/exodo-rural.htm>>. Acesso em:
29/11/2019.

AGRADECIMENTOS

A Deus por permitir que minha existência fosse necessária nesse mundo, para que através dela eu possa fazer o diferencial na vida de outras pessoas, tanto como ser humano, quanto como profissional.

A mim, por resistir e não me permitir desistir em nenhum momento.

Aos meus amados pais Cleide e Manoel, que mesmo diante de tantas adversidades da vida priorizaram me proporcionar condições necessárias para que eu pudesse concluir a graduação.

Aos meus familiares que mesmos distantes nunca se fizeram ausentes. Em especial: Tia Sônia, Tio Viana, Tia Cida, Tia Jocimária, Tio Fernando, Flaviane, Bruno, Ananda, Larissa, Amanda e Cláudia.

Ao Professor Wilmar Gaião por ter me dado a grande oportunidade de me envolver nos Projetos da Universidade e por ter esse olhar empático diante de todas as pessoas que seus olhos podem alcançar, em especial, seus alunos. Uma verdadeira alma sensível.

À minha orientadora, Emily Gaião, por contribuir de forma única em minha graduação, em especial durante o final do curso. Agradeço também por toda dedicação, cuidado, ética, zelo e empatia. Você é uma referência, e exemplo de profissional.

A todos os professores que fizeram parte da minha trajetória durante a graduação, em especial José Andrade, Aline Lobato, Gilvan de Melo, Valeria Moraes e Luann Glauber. Sempre me lembrarei de vocês com grande estima.

Aos funcionários da Universidade Estadual da Paraíba, em especial Maria e Val, por tamanho zelo e aconchego. Robson e Paschoal, por tamanhas solitudes. A Everaldo, por tamanha responsabilidade e preocupação para com os alunos.

Aos amigos que fiz durante o curso: Ana Letícia, Isabel, Talita, Maria Priscila, Saionara, Angelina, Suzy, Max, Ludwig, Viviane, Gabi e por fim, Dayza (minha irmã), Amanda e Lívia (as quais foram âncoras para mim, principalmente no finalzinho da caminhada).

Aos meus amigos da vida, que estiveram comigo nos momentos mais difíceis, Jéssica, Luana, Clara Delfino, Mayara, Carol, Milenna, Gisely, Ketlyn, Elcides, Angélica, Maristela, Ayza, Renan, Eberton, Rubinho, Gustavo e Gizelho, deixo aqui minha gratidão por todo apoio e preocupação que tiveram comigo durante esse processo de fim de curso, amo vocês.

Aos Senseis Ado Marcelo e Eduardo Alves por terem me apresentado o Judô, filosofia de vida, e terem apostado em mim quando eu achava que não seria capaz, assim como acreditaram que eu seria capaz de competir no JUBS (Jogos Universitários Brasileiros), representando a UEPB, como única mulher da equipe.

Aos meus pacientes da clínica escola da UEPB, que me fizeram reafirmar a escolha da futura profissão.

E por fim, agradeço a Danielly Scalone e Emily de Andrade, por tocarem o barco na Unidade de Acolhimento com tanto carinho e dedicação, muito obrigada por serem presença quando não pude ser.